

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**ESCOLA NORMAL SUPERIOR**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR NA**  
**FORMAÇÃO DO EDUCADOR**

**MANAUS – AMAZONAS**  
**2022**

**RAYSSA FONTENELE ARAÚJO**

**A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR NA  
FORMAÇÃO DO EDUCADOR**

Monografia apresentada a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica II, do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito à conclusão do Curso e elaborado sob orientação da Profa. Dra. Lucinete Gadelha da Costa.

**MANAUS – AMAZONAS  
2022**

### **Ficha Catalográfica**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

A663ac Araujo, Rayssa Fontenele  
A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR NA  
FORMAÇÃO DO EDUCADOR / Rayssa Fontenele  
Araujo. Manaus : [s.n], 2022.  
44 f.: il.; 29 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.  
Inclui bibliografia  
Orientador: Costa, Lucinete Gadelha da

1. Educação Popular. 2. Formação de professores. 3.  
Prática Pedagógica. I. Costa, Lucinete Gadelha da  
(Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. A  
CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR NA  
FORMAÇÃO DO EDUCADOR

**Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463**

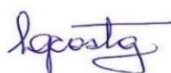
**RAYSSA FONTENELE ARAÚJO**

**A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR NA  
FORMAÇÃO DO EDUCADOR**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequadamente para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

Data da aprovação: 27 de outubro de 2022

**BANCA EXAMINADORA**



---

Professora Dra<sup>a</sup> Lucinete Gadelha da Costa (Orientadora)



---

Professora Dra<sup>a</sup> Leni Rodrigues Coelho (Membro)



---

Professora Msc. Maria Valcirlene de Souza Bruce (Membro)

Dedico este trabalho a toda minha família, em especial a minha mãe que lutou pela minha educação e a dos meus irmãos, nos incentivando a sempre ir em busca dos nossos desejos, vontades e sonhos de forma honesta, também pelo seu exemplo de força, coragem e empenho em ser um grande exemplo de mãe e mulher.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, por ter me capacitado e permitido concluir essa pesquisa, dando-me saúde física e mental, também por ter me amparado nos momentos difíceis e cansativos que surgiram durante a trajetória.

A professora Lucinete Gadelha da Costa, pelas orientações, incentivo e persistência no meu processo de formação, desde a iniciação científica até a conclusão desse trabalho.

Aos meus professores da graduação que enriqueceram a minha vida acadêmica e profissional com seus ensinamentos e reflexões.

A minha família, minha mãe e meus irmãos, pelo amor, cuidado, amparo e pelas chamadas de atenção que me permitiram manter o foco.

Aos amigos da minha turma inicial que juntos compartilhamos momentos de trocas, de debates, de experiências, de estudos e de dificuldades, aos veteranos do curso que me acolheram e por muitas vezes me mostraram o caminho e aos meus amigos da igreja que me incentivaram a prosseguir e que me proporcionaram momentos de calma e descontração.

Por fim, a todos que estiveram comigo nessa trajetória inicial e que contribuíram com a minha formação.

*“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”.*

*Paulo Freire*

## RESUMO

Esta pesquisa intitulada: “A contribuição da Educação Popular na formação do educador”, tem como objetivo compreender os princípios da Educação Popular no processo de formação do educador, buscando levantar o referencial teórico desse movimento, identificando os princípios da educação popular para analisar a contribuição deles na formação e prática dos educadores. Para alcançar os objetivos propostos, optamos pela perspectiva dialética, pois busca compreender e interpretar a realidade em seu processo de constante transformação e por se tratar de um estudo que valoriza a relação humana e social, escolhermos a abordagem qualitativa. Como instrumentos de coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada, pois o objetivo primordial era criar um espaço de diálogo, além dos registros do caderno de campo utilizado nas atividades em um dos Estágios Supervisionados. Os sujeitos da pesquisa foram a educadora acompanhada durante o estágio e a pedagoga da escola. A fundamentação teórica do estudo se deu, sobretudo, nas obras de educadores como Freire, Pimenta, Scocuglia, Costa, entre outros. Como resultados, destacamos o aporte teórico da Educação Popular, seus princípios e contribuições para a formação dos educadores e desenvolvimento de uma prática libertadora, capaz de formar educandos conscientes que lutem pela transformação crítica da sociedade.

**Palavras-chave:** Educação Popular; Formação de educadores; Prática pedagógica.



## ABSTRACT

This research entitled: "The contribution of Popular Education in the formation of the educator", aims to understand the principles of Popular Education in the process of educating the educator, seeking to raise the theoretical framework of this movement, identifying the principles of popular education to analyze the contribution of them in the formation and pedagogical practice of teachers. In order to achieve the proposed objectives, we opted for the dialectical perspective, as it seeks to understand and interpret reality in its process of constant transformation, and because it is a study that values human and social relationships, we chose the qualitative approach. As data collection instruments, we used the semi-structured interview, as the primary objective was to create a space for dialogue, in addition to the records of the field notebook used in the activities in one of the Supervised Internships. The research subjects are the teacher who was accompanied during the internship and the school pedagogue. The theoretical foundation of the study was mainly based on studies by authors such as Freire, Pimenta, Scocuglia, Costa, among others. As a result, we highlight the theoretical contribution of Popular Education, its principles and contributions to the training of teachers and the construction of a liberating practice, capable of contributing to the formation of conscious students who fight for the critical transformation of society.

**Keywords:** Popular Education; Educator training; Pedagogical practice.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>I CAPÍTULO: EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL</b> .....	9
1.1 Educação Popular: uma breve abordagem histórica .....	9
1.2 Refletindo os princípios da Educação Popular .....	12
1.3 A contribuição da Educação Popular para formação e prática pedagógica do professor .....	15
<b>II CAPÍTULO: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA</b> .....	18
2.1 Fundamentos teórico-metodológicos .....	18
2.2 Técnicas e instrumentos de coleta de dados .....	20
2.3 Lócus da pesquisa e os sujeitos .....	21
2.4 Procedimentos de organização e análise .....	23
<b>III CAPÍTULO: A FORMAÇÃO DO (A) PROFESSOR (A): UMA LEITURA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR</b> .....	25
3.1 A formação do professor: uma leitura sobre a contribuição do referencial teórico-prático da Educação Popular .....	25
3.2 A formação do professor: refletindo os princípios da Educação Popular no diálogo com os sujeitos da pesquisa .....	28
3.3 A formação do professor: a Educação Popular e suas implicações na prática pedagógica .....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38

## INTRODUÇÃO

Refletir sobre o processo de formação de professores na atualidade é algo desafiador, pois trata-se de um campo cheio de complexidades e quando relacionamos isso a Educação Popular conseguimos identificar o quanto o contexto histórico, econômico e social se torna indissociável do processo educacional.

A autora Coelho (2001, p. 44), afirma que “Vivemos, pois, tempos de diversidade, em que repensar a Educação Popular é confrontar conceitos antigos e novos, é interrogar os dilemas e as perspectivas que se colocam frente a uma realidade em movimento permanente” e a formação do professor precisa acompanhar essas mudanças, e uma vez que entendemos que a formação não é algo que termina quando se recebe o diploma da graduação.

Apesar de haver bastante estudos sobre a formação do professor, pouco ainda é discutido sobre a Educação Popular e a sua relação direta na formação e prática desse sujeito que é o educador. O interesse por pesquisar sobre essas temáticas surgiu durante a disciplina de Educação de Jovens e Adultos no quarto período da graduação e se intensificou com o convite da professora Lucinete Gadelha para desenvolvermos um projeto de Iniciação Científica.

Durante a graduação, pouco foi discutido sobre a Educação Popular, para não dizer: quase nada, foi por isso que vimos na iniciação científica a chance de aprender e se aprofundar na temática. Neste período, submetemos dois projetos, o primeiro tinha como tema: A formação do(a) professor (a): um estudo na perspectiva da educação popular e tínhamos como objetivo: compreender a Educação Popular como fundamento na formação para os professores. O segundo projeto desenvolvido, intitulado: Prática pedagógica: um estudo na perspectiva da educação popular, objetivamos realizar um estudo sobre o conceito de prática pedagógica a partir dos princípios da Educação Popular.

Os dois projetos foram de cunho teórico e estão servindo de base para a escrita desse Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como objetivo geral: Compreender os princípios da Educação Popular no processo de formação do professor e como objetivos específicos: Verificar a contribuição do referencial teórico da Educação Popular para a formação e prática do professor; identificar os princípios da Educação Popular e analisar os princípios da Educação Popular que contribuem para formação e prática pedagógica dos professores.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, apresentamos uma breve contextualização histórica da Educação Popular, assim como algumas concepções que foram surgindo com o decorrer dos anos a respeito dela e também destacaremos princípios que servem como base para a formação e prática de um educador reflexivo.

No segundo capítulo traçaremos o percurso metodológico da pesquisa, descrevendo e explicando os fundamentos teóricos-metodológicos escolhidos e no último será feito a análise e discussão dos resultados obtidos durante a pesquisa, com base nas reflexões geradas durante o estudo dos referenciais estudados e no processo de investigação da temática.

## **I CAPÍTULO:**

### **EDUCAÇÃO POPULAR: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL**

Neste capítulo temos como objetivo apresentarmos uma breve abordagem histórica da Educação Popular, seu conceito, suas características e concepções, seus princípios e a contribuição dela para a formação e prática do professor, embasando nossas reflexões em autores como Freire (2018), Schwertz (2020), Scocuglia (1999), Neto (1999) e outros.

#### **1.1 Educação Popular: uma breve abordagem histórica**

A Educação Popular é um movimento Latino Americano que desde os seus primórdios está vinculada com os processos de luta, resistência, busca por uma educação emancipadora e além disso, conforme Schwertz (2020, p. 68) ela foi vista como uma vitória pós segunda guerra mundial, pois tinha a intenção de através dela “buscar a alfabetização da população, além de ajustá-la socialmente a modernidade”.

A Educação Popular teve a sua origem na América Latina e já passou por diversos momentos durante o decorrer dos anos, se configurando como uma concepção pedagógica em permanente movimento de abertura (PIMENTA, 2014).

No ano de 1950, o modelo de Educação Popular que predominava, tinha como objetivo principal a conquista do Estado, caracterizando-se como uma grande utopia para aquela época. No final desse ano, conforme Coelho (2001), a Educação Popular gerou duas perspectivas significativas, a primeira ficou conhecida como “educação libertadora”, um modelo de educação não-formal, tida como uma alternativa à escola. A segunda perspectiva, chamada de “educação funcional”, era considerada como uma suplência a educação formal.

Nos anos de 1960 e 1970, essas duas perspectivas ainda estavam presentes e os movimentos populares dessas épocas, visualizavam o Estado como um organizador do bem-estar social, porém os movimentos sociais não tinham autonomia de escolha, para conquistar algo era necessário pressionar o Estado, até obterem as demandas.

Os anos de 1980, foram marcados pela luta de uma escola pública popular e comunitária. Segundo Coelho (2001), também nesse período, surgia um novo quadro político e manifestos organizados pela melhoria salarial e por melhores condições de trabalho. A autora afirma (p.47), que “contrariamente à reorganização da sociedade civil e a transição para melhores liberdades democráticas, a década de 80 parece ter sido uma década perdida, em que estagnou tanto no campo econômico quanto no campo educacional”.

Com isso a Educação Popular acabou entrando em crise, mas é no ano de 1990 que se tem uma nova visão do Estado e os movimentos populares ganham espaço, passam de apenas receptores de benefícios, a sócios, parceiros na definição de políticas públicas.

De acordo com o Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas (2014)<sup>1</sup>, de 2000 até os dias de hoje, a Educação Popular tem o desafio de se reinventar, sem perder a essência transformadora que há desde a sua origem.

No Brasil, o processo educacional foi sempre marcado pela exclusão e elitização, desde a chegada dos portugueses em 1549, com a doutrinação dos povos indígenas, até o processo de transformação da sociedade brasileira em direção ao capitalismo, transformando a educação em uma mercadoria de luxo para as elites.

Quando pensamos em educação popular como educação do povo, refletimos a respeito das lutas que foram enfrentadas durante toda história brasileira. Durante mais de dois séculos, por exemplo, a continuidade dos estudos para além das escolas de “primeiras letras”, só era ofertada aos filhos dos senhores, excluindo desse processo as filhas, os índios, os escravos.

Somente durante a Primeira República (1889-1930), com o grande desenvolvimento industrial, o surgimento dos primeiros operários e a partir deles a reivindicação pela escolarização de seus filhos, foi que a elite brasileira notou que existia um “povo” e que eles precisavam ser escolarizados, pelo menos nas primeiras séries. Apesar de algumas mudanças, a marca da exclusão ainda se fazia muito presente.

No período do Estado Novo (1930-1945), várias reformas foram promovidas e o escolanovismo surgiu então como uma solução, trazendo a educação como um elemento importante para a construção de uma sociedade, porém, a quantidade de pessoas que conseguiram escolarizar-se por completo, ainda continuou pequena, Scocuglia (1999, p. 103) diz que “por não possuir escolas suficientes ou pela via da evasão/expulsão escolar, o nosso sistema educacional tornou-se um impulsionador de quantidades crescentes de analfabetos jovens e adultos”.

Entre os anos de 1946 a 1964, diversas campanhas de combate ao analfabetismo surgiram, campanhas que tinham como concepção metodológica o fortalecimento da autonomia dos sujeitos e sua conscientização, como as campanhas nacionais de alfabetização do Governo Federal, de 1947; a primeira Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), promovida pelo Ministério da Educação e Saúde, a partir de 1947; a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), em 1952; a campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, em

---

<sup>1</sup> Documento referencial organizado pelo Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã.

Natal-RN, no início de 1961; o Movimento de Educação de Base, criado pela Igreja Católica, em 1961, com apoio do Governo Federal; o Movimento de Cultura Popular, surgido em Recife-PE, em 1961; os Centros de Cultura Popular, ligados à UNE, em 1962; a Campanha de Educação Popular da Paraíba, de 1962; e o Plano Nacional de Alfabetização, de 1963.

Porém, com a ditadura militar, essas campanhas foram impedidas e o Plano Nacional de Alfabetização, que pretendia alfabetizar seis milhões de pessoas, que faria com que aumentasse em 50% o contingente de eleitores, nem chegou a ser desenvolvido. Conforme o Marco de Referência (2014, p.19), “o Golpe de 1964, não abortou somente este movimento de educação, mas a possibilidade de uma orientação democrática e incluyente de desenvolvimento”.

As décadas de 1970 e 1980, formaram o período de resistência à ditadura militar e redemocratização, os grupos que conseguiram resistir contaram com a proteção dos setores progressistas da Igreja Católica e com a lenta abertura política do Estado Militar, os movimentos de educação e da educação popular foram se fortalecendo como instrumento de organização dos movimentos populares. Schwertz (2020, p. 70), afirma que foi nesse período que “houve a ascensão dos movimentos sociais no Brasil através de mobilizações e militâncias em busca de objetivos coletivos com destaque a democracia, baixo custo de vida e o direito político”.

Durante os anos de 1990, o capitalismo passou a se estruturar e tornou-se o novo padrão de organização do mundo de produção, também foi marcado pelo crescente estabelecimento da hegemonia neoliberal, com reestruturação produtiva, precarização das relações de trabalho, estabelecimento de políticas sociais compensatórias e aumento do desemprego no Brasil e no mundo.

Com a chegada dos anos 2000, a Educação Popular se fortaleceu, por conta do sucesso em diversas lutas sociais populares e conforme o Marco de Referência (2014), esse sucesso colaborou com a eleição de governos mais comprometidos com as causas populares no Brasil e na América Latina.

E ao longo dos anos, ela vem mostrando uma perspectiva mais ampla, em todos os modos, segundo Pimenta (2014, p. 48), a Educação Popular “veio reforçando seus diferentes lugares e as suas capacidades criativas em propostas metodológicas, resistências e diálogos conforme seus objetivos”.

Porém, segundo Scocuglia (1999, p. 106/107), somente:

No momento em que as seculares amarras da sociedade brasileiras forem quebradas, aí sim, poderemos notar a educação popular realizando-se em sua inteireza. Enquanto

isso não acontece, a educação popular continua a ser um múltiplo espaço político pedagógico, em reconstrução permanente.

A Educação Popular, portanto, tem a sua história relacionada à trajetória de luta dos movimentos sociais populares por toda a América Latina e desde o seu início, busca desenvolver um processo de produção de conhecimento voltado para a liberdade e democracia, lutando por uma educação antielitista e antiexcludente, que nega o autoritarismo, a manipulação e a ideologização. A história mostra uma parte da luta da Educação Popular por uma educação pública de qualidade e de acesso a todos, porém a história não acabou, conforme os anos vão passando novas barreiras vão surgindo e novas lutas precisam ser vencidas.

## **1.2 Refletindo os princípios da Educação Popular**

A Educação Popular é por muitos, tida como polissêmica, por conta do seu conceito, que não é um conceito fechado e que por isso está em constante mudança, também por abranger diversos aspectos, como sociais, políticos e educacionais.

Preiswerk (1997, p. 29), diz que é difícil conceituá-la, mas se arriscaria em dizer que é um “conjunto de práticas educativas realizadas por e com os setores populares, dentro de uma perspectiva política de mudança”, mas que ainda sim é um conceito que deixa de fora muitos atributos da Educação Popular.

As ambiguidades que surgem sobre o entendimento do que seria a Educação Popular, também podem ser por conta do substantivo ou adjetivo que dão origem a palavra, gerando um certo conflito em relação ao verdadeiro sentido da Educação Popular.

Conforme Amorim (2001), a Educação Popular, nem sempre foi conhecida assim, com o passar dos anos, diversos nomes foram aparecendo, como por exemplo, educação para a liberdade, educação para a democracia, educação da comunicação, entre outros. Por fim, ficou conhecida como Educação Popular, por conta de diversos fatores.

Além disso, Neto (1999), afirma que a Educação Popular possui diferentes faces e que essas faces variam de acordo com o momento histórico e com a intensidade de mobilizações sociais vividas naquele período.

Mas, dentre as muitas concepções, conceitos e significados, Rodrigues (1999, p. 21), afirma que “a tal concepção de educação popular talvez mais ajustadamente se adequasse a denominação de educação sócio transformadora”. Pois, é a sua proposta e práxis, voltadas para a transformação do homem, da sociedade e do Estado, que a torna diferente das diversas variedades de educação.



Para Schwertz (2020, p. 79) a Educação Popular é “uma pedagogia comprometida com a formação humana em todas as dimensões”, podendo ser na formação social, política, pedagógica, entre outras.

A práxis então, nesse processo se dá como o objeto específico de pesquisa e vivência da educação popular e o objeto de investigação dela pode ser encontrado em qualquer lugar onde as pessoas se reúnam regularmente. Ou seja, o que caracteriza a educação popular, não é uma geografia limitada e restrita, mas sim uma ação que pode se dá em qualquer lugar, como em uma casa, entre pais e filhos, ou em uma fábrica entre os funcionários, na educação formal, em qualquer nível, podendo ser alfabetização, ensino fundamental, médio ou universidade, ou seja, a educação popular possui uma ubiquidade.

Por isso, por muitos ela pode ser considerada como um sistema de ensino aberto, Neto (1999, p. 55), afirma que esse sistema

[...] pode efetivar-se através da instituição estatal a partir de modelos de educação com caráter de suplência (alfabetização, ensino supletivo, etc.), através de movimentos sociais que buscam a construção histórica de nova hegemonia ou no âmbito das sociedades que vivenciam ou vivenciaram modelos de sociedades alternativos ao modelo dominante. Como um sistema aberto, a educação popular pode efetivar-se tanto através da escola – o ambiente tradicional – quanto através da organização da educação formal ou informal.

Como um dos princípios essenciais nesse sistema ou nesse processo de ensino, que é a Educação Popular, destaca-se o diálogo como uma categoria teórico-prática, como uma metodologia de produção do conhecimento, tida como o centro do processo educativo.

Mas, conforme Neto (1999), o diálogo que a E. P. trata, não se restringe a busca de consensos ou conciliações, que tem como objetivo evitar brigas, disputas e até mesmo confrontos ideológicos de classes. Refere-se ao diálogo como um exercício de entender e aceitar que existe uma chance do seu ponto de vista ou opinião, não prevalecer sempre. Além de buscar possibilitar uma relação do saber técnico com o saber popular, não de maneira unidirecional, vertical e autoritária, mas sim horizontal, bidirecional e participativa.

Em relação a educação, o diálogo possibilita a construção de um olhar diferenciado em respeito as diversas realidades, gerando uma reflexão sobre o mundo de forma crítica e consciente, visando a emancipação do sujeito.

Sem abrir mão dos conteúdos básicos, a Educação Popular, utiliza-se deles para fazer uma ponte com a realidade vivenciada pelos educandos, respeitando-os e levando em consideração o seu saber e a sua experiência de vida, buscando desenvolver esses princípios desde a base, pois, conforme Santos (2001), somente o cidadão que é alfabetizado, está apto a compreender e reconstruir a sua realidade, participando de maneira ativa e de modo consciente

na luta de classes e na reconstrução da história. Por isso, juntamente com o diálogo, a participação e a pesquisa tornam-se ferramentas indispensáveis no processo educacional.

A Educação Popular se propõe, como já foi dito, entre vários aspectos, a estimular a organização dos movimentos populares, por meio da educação, além de desenvolver nos discentes uma nova postura, uma postura crítica, frente aos problemas enfrentados na atualidade e Freire (2006, p. 99), apoia isso quando afirma que

A educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem no brasileiro, antigos e culturológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação.

Para muitos autores, a Educação Popular é vista e compreendida como uma educação que visa a transformação da realidade e a construção de novos saberes por meio de uma conscientização e de uma educação libertadora e conforme Amorim (2001), a liberdade não é algo que pode ser dado ao homem, mas é uma conquista ao longo do seu desenvolvimento, pois a autora defende que educação e liberdade andam juntas e são inseparáveis.

Torna-se importante ressaltar que a educação não é popular simplesmente por ser realizada pelos setores populares ou ser dirigida a eles, existem vários outros critérios que têm que ser levado em consideração, Preiswerk (1997, p. 58), destaca que

[...] a Educação Popular, ainda intencional, não se limita às relações formais de ensino-aprendizagem. Há um descentramento escolar e educativo. A educação se torna um espaço de produção de intercâmbios e de consumo de saberes, e ultrapassa o marco das práticas e das instituições chamadas educativas.

Além disso, é considerada como uma prática política, pois não se limita a possíveis relações entre indivíduos, como a relação educador e educando, mas em uma ação coletiva, ou seja, na relação entre todos os participantes das ações educativas do mundo, visando a organização do povo e buscando o crescimento da consciência dessas classes.

A Educação Popular também busca realizar uma educação contextualizada com as realidades dos sujeitos, sendo essa ação considerada como um dos seus fundamentos. Pimenta (2014, p. 82), afirma que também é considerada como “uma educação comprometida e participativa orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo”. Ou seja, a Educação Popular propõe uma nova forma de educação, buscando desenvolver um ensino ativo, dialogal e participativo, utilizando-se da realidade social, cultural e política do povo para potencializar e formar seres críticos e essa forma de ensino não reflete somente na vida do discente, mas também na formação do educador e conseqüentemente na sua prática.

### **1.3 A contribuição da Educação Popular para formação e prática pedagógica do professor**

A formação do professor, tem sido alvo de várias discussões, tanto no Brasil quanto em outros países, por conta do surgimento de novas demandas no âmbito educacional e pelo desejo de melhoria na educação.

Por isso, pensar a formação do educador, implica refletir sobre o aspecto histórico do nosso país. No Brasil, o interesse pelo preparo do professor só foi existir após a independência, exatamente quando se criou a Lei das Escolas de Primeiras Letras, que foi promulgada em 15 de outubro 1827.

Com o passar dos anos, a legislação brasileira propôs a implantação de algumas leis que beneficiariam a educação, dentre elas a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), N. 9394/96, que elevou a formação do professor das séries iniciais ao nível superior, estabelecendo que ela se daria em universidades e em institutos superiores de educação, nas licenciaturas e em cursos normais superiores.

Porém, com o mundo em constante mudança é necessário ao professor que além de uma formação inicial o mesmo tenha possibilidades para dá continuidade nessa formação para que não fique estagnado no tempo e não se acomode em somente “passar” ou “transmitir” o conhecimento, fazendo com que o aluno se torne um mero receptor ao invés de torná-lo crítico.

A educação popular propõe a formação de um educador que esteja ancorada no princípio da incompletude, pois, segundo Pimenta (2014, p. 162) “o reconhecimento da incompletude humana é também o reconhecimento e aceitação de que o outro tem muito para aprender, mas também para ensinar”, ou seja, uma formação que assegure ao professor um contínuo processo de construção e desconstrução, com isso, uma prática repleta de momentos em que se aprende e se ensina.

Além disso, uma formação com base na educação popular permite que o educador compreenda o quão importante é ter uma profunda leitura da realidade em que se estar inserido, pois assim estará buscando saber qual o lugar que cada um ocupa no contexto e no momento histórico em que se encontra, além da valorização e respeito as culturas locais, pois conforme Sales (1999, p. 121) “nenhum sucesso terá quem, numa prática educativa, não tomar em consideração marcas tão profundas como as de gênero, de geração, de etnia, de região”.

Por isso, pensar a formação do professor, implica refletir sobre o que é educar e conforme a Educação Popular, o que é educar para liberdade. A autora Amorim (2001) diz que ao educar para a liberdade valorizamos o pluralismo das ideias, ou seja, como educadores

devemos ir contra a visão tradicional de que o professor é o detentor de todo o conhecimento e que os educandos não têm nada a acrescentar.

Porém, para que isso aconteça é necessária uma formação que faça com que o professor desenvolva uma prática pedagógica que valorize o respeito as diversas ideias e a participação dos sujeitos na dinâmica escolar, além de instigá-lo a refletir de forma sistemática sobre a sua prática, tornando esse processo de reflexão como um elemento essencialmente formativo, uma vez que contribuirá no processo de autoconhecimento do educador e propiciará condições de experimentar novas ações e caminhos numa perspectiva inovadora.

A Educação Popular também propõe que o professor desenvolva uma prática em parceria com a família, com a comunidade, pois conforme Scocuglia (1999, p. 108) “em lugar de negar a importância da presença dos pais, da comunidade, dos movimentos populares na escola, se aproxima dessas forças com as quais aprende para a elas ensinar também”.

Mas, é importante salientar que ao desenvolver uma prática com base nesses princípios, o educador tem que compreender que não se trata de uma simples troca de informações, saberes e experiências, mas “de uma aprendizagem em que se processa e se produz conhecimento, numa relação entre os distintos tipos de conhecimentos” (NETO, 1999, p. 63).

E essa prática traz para o centro do processo educativo o diálogo como elemento fundamental para a formação não só do professor, mas também para a formação dos educandos, pois, segundo Neto (1999, p. 58) “pelo diálogo é que se pode tornar mais fácil uma prática de superação de valores e atitudes contidos no conhecimento e na educação dominantes que atingem a formação de todos”.

Costa (2021, p. 3) também ressalta que “o diálogo é base no desenvolvimento de uma sociedade que busca o exercício da democracia”, pois instiga a valorização das diversas vozes e permite ao homem que dialogue sobre o seu contexto e questione as imposições feitas a ele.

Indo contra o desenvolvimento de uma educação imposta de cima para baixo, a Educação Popular baseia-se como já dito, no saber da comunidade e buscar sempre incentivar as relações dialógicas e a criação de novas práticas pautadas em princípios éticos. A mesma autora ainda afirma que

A escola tem um papel determinante nas relações sociais. Os conteúdos curriculares trabalhados precisam construir uma coerência teórico-prático, possibilitando as ferramentas necessárias aos educandos na construção de um ideário que os oriente a uma visão de mundo.

E ainda sobre o diálogo, Freire (2018, p. 108) diz que “sendo o diálogo uma relação eu-tu, é necessariamente uma relação de dois sujeitos. Toda vez que se converte o ‘tu’ desta relação

em mero objeto, ter-se-á pervertido e já não se estará educando, mas deformando” e a Educação Popular vai contra esse processo de deformação, pois propõe que os educadores busquem desenvolver uma prática em que a voz do educando e os seus saberes também sejam aproveitados e contribuam para o ensino.

Além disso, Pimenta (2014, p. 82), afirma que a Educação Popular “visa à formação de educandos com conhecimento e consciências cidadã e a organização do trabalho político para a afirmação do sujeito.” Para isso, o educador precisa desenvolver uma prática que tenha origem nos conhecimentos já adquiridos pelos alunos e um ensino partindo de palavras e temas do seu cotidiano.

Um educador que entende que o processo de formação é um processo contínuo, precisa sempre estar aberto a mudanças, precisa estar disposto a se desconstruir, pois conforme Pimenta (2014, p. 164) o processo de formação implica “alterar conceitos, por vezes nunca questionados, sugere que precisamos estar pré-dispostos à mudança para alterar aquilo que a gente tem ‘como algo certo’”.

É importante que o educador compreenda que a sua formação tem que ser um processo permanente, pois somos seres em constantes mudanças, seres inacabados e assim tem que ser o processo de formação seguindo um movimento de aperfeiçoamento constante de ação e reflexão sobre a sua prática.

Com relação ao aperfeiçoamento do educador, Freire (2018, p. 26) afirma que “no compromisso do profissional, seja ele quem for, está a exigência de seu constante aperfeiçoamento, de superação do especialismo, que não é o mesmo que especialidade”, o autor ainda diz que o profissional deve ampliar os seus conhecimentos, buscando substituir uma visão ingênua da realidade, por uma visão crítica.

Portanto, uma vez que o educador entende a Educação Popular como um processo de produção de conhecimento e de construção de relações sociais e humanas, buscar uma formação e conseqüentemente desenvolve uma prática contextualizada de acordo com a realidade dos sujeitos, sempre valorizando as culturas locais.

## II CAPÍTULO: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA

Neste capítulo temos como objetivo apresentarmos o caminho metodológico da pesquisa a partir de seus objetivos, abordagem do estudo, descrição do lócus e sujeitos da pesquisa, procedimentos de coleta de dados e análise.

### 2.1 Fundamentos teórico-metodológicos

Para a realização do presente estudo que teve como objetivo geral compreender os princípios da Educação Popular no processo de formação do professor, optamos por construir um quadro contendo as questões norteadoras e os objetivos específicos adotados, para visualização da estrutura da pesquisa de forma mais clara.

<b>Questões norteadoras</b>	<b>Objetivos específicos</b>
Qual a contribuição do referencial teórico da Educação Popular para a formação e prática do professor?	Investigar a contribuição do referencial teórico da Educação Popular para a formação e prática do professor.
Quais os princípios da Educação Popular?	Identificar os princípios da Educação Popular.
Quais os princípios da Educação Popular que contribuem para a formação e prática docente?	Analisar os princípios e contribuições da Educação Popular para a formação e prática docente.

Por se tratar de uma pesquisa que está voltada para um fenômeno social em constante transformação, optamos pelo método dialético, pois, “para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está "acabada", encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro”. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 83).

Por isso a escolha pela dialética, pois como fenômeno social, a educação e a formação do professor encontram-se ou ao menos deveriam encontrar-se, ancorados no princípio da incompletude, seguindo a lógica da vida e a condição própria do ser humano, um ser em formação permanente. Mas, para isso é necessário um olhar crítico, elemento fundamental que ajudou na escolha do método da pesquisa, pois conforme Konder (2008, p. 81) “uma das características essenciais da dialética é o espírito crítico e autocritico”.

Marconi e Lakatos (2010) também ressaltam que para esse método, nenhum fenômeno pode ser analisado/pesquisado, de forma isolada, sem levar em conta o contexto histórico e cultural, pois tudo está interligado.

A dialética propicia fundamentos para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, “já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc” (GIL, 2008, p. 14)”.

Seguindo por esse pensamento, o estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa de abordagem qualitativa, bastante comum entre os pesquisadores do campo da educação, pois preocupa-se com aspectos da realidade, do contexto social, das relações culturais, aspectos estes, difíceis de ser quantificados. Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 31) “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”

Minayo (1994, p. 21 e 22) afirma que a abordagem qualitativa

[...] responde questões muito particulares e trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Ou seja, para uma pesquisa no campo da educação que busca investigar uma realidade que está ligada a um fenômeno social, interessa bem mais compreender e interpretar as situações do que quantificá-las, investigando a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito.

Além disso, a pesquisa qualitativa, segundo Zanette (2017, p. 153), proporciona ao pesquisador um caminho que visa “compreender a questão do humano através da dimensão educacional”, pois o aproxima da realidade e o instiga a colocar-se no lugar do outro.

Optamos ainda por essa abordagem, pois, o foco não está somente nos resultados, mas também no processo, no desenvolvimento da pesquisa e “parte da descrição que intenta captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência” (TRIVINOS, 1987, p. 129).

Estudos deste tipo exigem bastante do pesquisador, pois é preciso levantar uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar, descrevendo os fatos e os fenômenos da realidade em que se investiga. Por isso, o estudo bibliográfico também se constitui como um importante elemento nessa construção, pois a partir de um material já elaborado, como livros e artigos, é possível conhecer diversos aspectos do assunto pesquisado. Conforme Gil (2008, p. 50) “a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados

secundários” e se tratando da Educação Popular, conhecer a história e escrever sobre ela com base em outros escritos, é de extrema relevância.

E o estudo bibliográfico, além de permitir a aproximação com o tema, torna o pesquisador, segundo Trivinos (1987, p. 132), “eficiente e altamente positivo para os propósitos da investigação, se tiver amplo domínio não só do estudo que está realizando, como também do embasamento teórico geral que lhe serve de apoio”, constituindo-se de uma fonte rica para o pesquisador.

## **2.2 Técnicas e instrumentos de coleta de dados**

A coleta de dados em uma pesquisa é um processo fundamental de busca por informações sobre uma determinada problemática levantada, em outras palavras, “é a busca para elucidação do fenômeno ou fato que o pesquisador quer desvendar” (GERHARDT et al., 2009, p. 68).

E para alcançar tais dados utilizasse de técnicas e instrumentos para registros e posteriores reflexões, mas, Severino (2007) ressalta que existem diversas modalidades de pesquisa e que por isso é preciso coerência epistemológica, metodológica e técnica para o desenvolvimento adequado do estudo.

Para a coleta dos primeiros dados, foi realizado um levantamento de obras a respeito do tema pesquisado, seguindo com leituras, discussões e fichamentos, com a finalidade de aprofundamento. A respeito disso, Tozoni-Reis (2009, p.35) afirma que

O aproveitamento da leitura de textos é fundamental para o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa em qualquer modalidade e exige do pesquisador habilidade, disciplina e competência. Portanto, a leitura é uma técnica de pesquisa. É uma atividade que exige muita sistematização.

Por isso, torna-se uma importante técnica para o desenvolvimento de uma pesquisa que inicialmente visava coletar os dados em campo, de forma participativa e natural, aproveitando-se dos momentos riquíssimos vivenciados durante os estágios obrigatórios na Universidade.

Na pesquisa participante, conforme Severino (2017), o pesquisador não somente observa os fenômenos, mas participa de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, interagindo, acompanhando e registrando a vivência dos sujeitos pesquisados.

Porém, com a pandemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19), doença infecciosa e altamente transmissível, mudanças no modo de viver de todo o mundo precisaram ser feitas, entre elas a suspensão das aulas presenciais de todas as escolas e níveis da educação.



Concomitantemente, mudanças na pesquisa também aconteceram, principalmente na forma de coletar os dados para a realização da mesma.

Pensando na realidade sanitária vivenciada por todos e na impossibilidade de ir até o chão da escola, optamos por aproveitar os dados coletados durante o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental e complementar com uma entrevista semiestruturada com a pedagoga da escola e com a professora que foi acompanhada durante o período de estágio.

Utilizamos da entrevista semiestruturada, pois o objetivo primordial era criar um espaço de diálogo, de modo que a conversa fluísse de forma natural. Por isso, foi elaborado um roteiro com algumas questões sobre o tema que vem sendo estudado, com o objetivo de nortear esse momento. Tozoni-Reis (2009, p. 44 e 45), ressalta que

Na entrevista semiestruturada, as questões são apresentadas ao entrevistado de forma mais espontânea, seguindo sempre uma sequência mais livre, dependendo do rumo que toma o diálogo. Nesse tipo de entrevista, é recomendado que o pesquisador procure criar um clima espontâneo e descontraído que contribua para atingir os objetivos do estudo em questão.

Por isso, o roteiro nesse tipo de entrevista, não é algo a ser seguido metodicamente, mas assume um papel de recordar ao pesquisador os pontos principais a serem colocados no diálogo com o entrevistado. Ludke e André (1986, p. 34), afirmam que a entrevista possui uma vantagem sobre as demais técnicas de coleta, pois “ela nos permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”, além de nos dá abertura para esclarecer e até mesmo para aprofundar alguma informação importante durante o diálogo.

### **2.3 Lócus da pesquisa e os sujeitos**

Essa pesquisa teve como lócus uma Escola Estadual de Tempo Integral localizada na zona centro sul, da cidade de Manaus, que desde 2008 oferece uma educação em tempo integral para turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Optamos por desenvolver a pesquisa nessa escola pois nela foi realizado o estágio supervisionado II, da Universidade, atividade muito importante na vida de todo profissional, pois permite uma aproximação com a realidade da qual se irá trabalhar, mas além disso, enxergar o estágio como um momento de pesquisa, segundo Silva (2008), contribui para que possamos atuar de forma mais problematizadora, analítica, buscando compreender o processo educativo e programando ações que venham modificar a realidade.

E como durante os estágios somos estimulados a desenvolver um olhar pesquisador e crítico, decidimos aproveitar e nos aprofundar nos dados que já haviam sido coletados durante esse período, com base na vivência e relação que já havia sido estabelecida.

O local, como exposto anteriormente, é uma Escola Estadual de Tempo Integral e não terá seu nome revelado de modo a preservar sua identidade e dos envolvidos na pesquisa. Ela é mantida pelo poder Público Estadual e administrada pela Secretaria de Estado e Educação e Qualidade de Ensino (SEDUC).

Possui uma estrutura relativamente ampla, que é composta por dez salas de aula, uma biblioteca, uma sala para o ensino de artes, uma para inglês, uma para educação física e outra para aulas de metodologias, além de possuir um refeitório, uma cozinha, uma quadra e um auditório.

Conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, o prédio pertence a uma entidade jurídica e é alugado a SEDUC, por esse fato, se tem uma grande dificuldade em realizar mudanças na estrutura da escola, por menor que seja, impossibilitando possíveis melhorias no prédio, conforme relatado pela direção da escola em algumas conversas.

Durante o estágio, foi possível observar que a escola se propunha a desenvolver alguns projetos, dentre eles: Projeto escola educada; Ações de práticas comportamentais positivas (combate à indisciplina, ao bullying); Ações de reforço e implementação do processo de ensino e aprendizagem; Projeto grupo de estudos intensivos (5º ano); Ações de sustentabilidade e meio ambiente; projeto sala de artes multifuncional; Projeto literário e interdisciplinar: aprendendo inglês com as obras de Eric Carle e o Projeto Bullying: prevenção e combate no espaço escolar.

Com a realidade imposta pelo Corona Vírus, novas ações tiveram que ser desenvolvidas visando alcançar os alunos que não estariam mais presentes no chão da escola. Por isso, foram criados outros projetos visando manter a relação entre alunos e professores, mesmo que de forma virtual, entre eles, destaca-se o projeto Salas Interativas, que consistia em uma sala virtual, por meio de plataformas de vídeos, onde os professores conversavam com os alunos, tiravam dúvidas, esclareciam questionamentos.

E com relação aos sujeitos envolvidos diretamente na pesquisa, optamos por entrevistar a pedagoga da escola e a professora que nos recebeu em sua sala durante o período de estágio. É importante ressaltar que por motivos éticos não será revelado o nome real delas, por isso, adotaremos nomes fictício, chamaremos a pedagoga de Sol e a professora de Lua.

A pedagoga Sol, formou-se em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas em 2009, possui mais de 20 anos de atuação na área, a contar com o magistério. Teve experiência desde o nível infantil até o ensino médio e é concursada pela Secretária Municipal

de Educação (SEMED) e pela Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC).

A professora Lua, formou-se em Pedagogia pelo Centro Universitário do Norte em 2014 e logo em seguida passou no concurso da SEDUC, possui 8 anos de carreira na área, mas segundo os seus relatos, cresceu em uma família de educadores, então desde pequena tem uma relação muito forte com a educação.

As escolhemos para participar da pesquisa pois, apesar de ambas trabalharem no mesmo lugar, desenvolvem funções diferentes e conseqüentemente poderiam ter visões, opiniões, posicionamentos diferentes sobre a assunto pesquisado.

## **2.4 Procedimentos de organização e análise**

Entendendo o processo de análise como um momento crucial para a pesquisa, torna-se necessário explicar quais os procedimentos utilizamos nessa etapa, pois conforme Tozoni-Reis (2009, p. 69) a etapa de análise é sem dúvida a “mais importante do processo de pesquisa, além de ser a mais elaborada e sofisticada de todo processo”, por isso requer bastante atenção.

Inicialmente, foi realizado um estudo aprofundado a respeito do tema, com base em escritos de autores importantes na área, essa revisão bibliográfica, conforme Lakatos e Marconi (2013, p. 44), tem por finalidade “colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”.

Para ajudar nessa etapa, fichamentos, sínteses e discussões, foram mecanismos importantes que permitiram extrair informações dos livros e gerar reflexões para fundamentar a primeira parte dessa pesquisa e também o momento de análise.

Dando prosseguimento, optamos por realizar uma entrevista semiestruturada com os sujeitos citados anteriormente, entendendo que:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 195).

O diferencial da entrevista semiestruturada está nas perguntas, nos questionamentos que objetivam criar um diálogo natural, espontâneo e não algo monótono, além disso, para Triviños (1987, p. 146), uma das características desse tipo de entrevista é justamente os questionamentos.

Pensando nisso, formulamos as perguntas, que serviram como roteiro, baseadas nos objetivos da pesquisa e nas questões norteadoras, enxergando-as não como um roteiro a ser seguido metodicamente, mas tendo como principal: “o papel de recordar ao entrevistador os principais pontos a serem colocados no diálogo com o entrevistado” (TOZONI-REIS, 2009, p. 44).

Para registrar os dados, utilizamos um caderno para anotar algumas falas e com autorização dos sujeitos, também gravamos toda a entrevista, para evitar o que Lakatos e Marconi (2003, p. 200) chamam de inconveniências, que são a: “falha de memória e/ou distorção do fato, quando não se guardam todos os elementos”.

Seguindo, fizemos a transcrição da entrevista, que foi o momento em que retornamos à gravação e descrevemos as falas dos sujeitos. Por fim, foi realizada a releitura do material e a organização dos dados a partir de categorias elaboradas com base nos questionamentos e nos objetivos da pesquisa, fundamentando com o referencial teórico da pesquisa para assim proceder a análise dos dados.

### **III CAPÍTULO: A FORMAÇÃO DO (A) PROFESSOR (A): UMA LEITURA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR**

Neste capítulo, temos como objetivo realizar uma leitura a respeito da formação docente na perspectiva da educação popular, buscando evidenciar a presença dos princípios na formação e prática dos educadores. As reflexões do capítulo serão feitas a partir da análise de dados da entrevista semiestruturada, realizada com uma professora e com uma pedagoga de uma escola da rede estadual da cidade de Manaus, além de contar com os dados observados durante o estágio supervisionado.

#### **3.1 A formação do professor: uma leitura sobre a contribuição do referencial teórico-prático da Educação popular**

Ao abordarmos sobre a formação de educadores relacionados a Educação Popular, pressupomos a ideia de uma formação permanente, baseado no princípio da incompletude, subentendendo que o professor é um ser inacabado e precisa sempre está em formação, desconstruído e construindo os seus saberes, juntamente com os educandos.

Na Educação Popular, ressalta-se a busca constante por uma formação que desperte no educador o interesse em compreender o contexto histórico, cultural e social em que os alunos estão inseridos, para que possa aproveitar-se das vivências deles em sala de aula.

Os escritos sobre a E.P. ressaltam elementos importantes nesse processo e por isso, foram elaboradas questões para o momento da entrevista, visando verificar a contribuição do referencial na formação e prática da educadora e pedagoga participantes na pesquisa.

Primeiramente, ambas foram questionadas sobre a formação do professor, sobre o que era essa formação na visão delas, a professora Lua respondeu:

Eu consigo dividir a formação de professores em dois tipos, a primeira é a formação básica, que é quando o professor tem o ensino superior e ele está apto a dar aula e também tem o professor que tem a formação continuada, que é aquele profissional que ele fica buscando o seu aprimoramento, as duas têm a sua importância.

Nessa fala inicial da professora Lua, podemos observar que ela destaca dois tipos de formação: a inicial e a continuada e ressalta que ambas têm um papel importante no processo de construção do ser profissional e Freire (2018, p. 26), afirma que “no compromisso do profissional, seja ele quem for, está a exigência de seu constante aperfeiçoamento, [...] substituindo por uma visão crítica a visão ingênua da realidade”.

Concordando com Freire, a professora ainda complementa a sua fala dizendo: “acredito que quando o professor compreende que ele é um ser em constante transformação, ele não consegue se deter somente no primeiro tipo de formação”.

Ao entender que o professor é um ser inacabado, surge a necessidade de buscar formações para o seu aperfeiçoamento, para a construção da sua identidade e refletir sobre a prática que exerce em sala de aula constitui uma grande riqueza na formação, pois conforme Costa (2007, p. 227) “a reflexão sobre a prática torna-se essencialmente um elemento formativo, pois, contribui no processo de autoconhecimento que propiciará ao educador condições de experimentar novas ações, através do diálogo estabelecido com a realidade”.

Respondendo ao mesmo questionamento sobre a formação do professor, a pedagoga Sol, ressalta:

A formação de professores sempre deve existir, eu vejo que o professor ele precisa ser um pesquisador acima de tudo pra aprimorar suas aulas, aperfeiçoar seu ensino, sua didática, sua metodologia e isso só é possível através de formações. É claro que cada professor vai buscar suas formações dentro de suas habilidades, do que ele mais se encaixa, do que ele tem mais perfil. Mas, eu vejo assim que é muito importante o professor está todo tempo se aperfeiçoando.

A pedagoga destaca em sua fala o perfil do professor pesquisador, que segundo Cruz e Costa (2021) tem que tornar-se parte da identidade de todo professor, pois só assim será possível desenvolver o professorar no seu sentido pleno e além disso

O educador que consegue desenvolver-se em pesquisa, contribui significativamente na construção de uma prática qualitativa em sala de aula, proporcionando uma quebra na perpetuação da reprodução sistemática do saber. Para tanto, é essencial recuperar a atitude de pesquisa, assumindo-a como identidade (CRUZ E COSTA, 2021, p. 74).

É possível perceber tanto na conversa com a professora quanto com a pedagoga que ambas evidenciam a importância da formação para o educador e que esse processo contribui para que haja uma prática inovadora e não apenas o transmitir do conhecimento escolar acumulado.

Confirmando isso, destacamos a fala da pedagoga quando ela diz:

Hoje o nosso alunado ele tá diferente, não é como nós fomos educados e nem devemos cair no pecado de fazer as mesmas coisas, porque se torna enfadonho e desinteressante. Temos que esta trazendo novidades, coisas da realidade deles, novos métodos de ensino, novas estratégias de ensino, pra alcançar essa nova geração que está aí.

Conhecer a realidade do educando, saber de onde ele fala, de onde vem a sua voz, torna-se imprescindível para o desenvolvimento de uma prática transformadora que valoriza os

conhecimentos populares e relaciona-os com o científico, pois conforme Neto (1999, p. 59), “é na realidade que estão as perguntas essenciais, sendo este o caminho para o conhecimento”.

Por isso, nada adiantará reproduzir práticas passadas, é preciso criar uma relação com o educando capaz de se fazer ser ouvido e também ouvir o que ele tem a falar, utilizando-se por exemplo do diálogo, pois oportunizará a integração e participação do sujeito na construção do conhecimento.

Refletindo sobre isso, questionamos as educadoras sobre como eram desenvolvidas as atividades/projetos da escola no dia a dia, buscando identificar aspectos da E.P. presentes na prática tanto da professora quanto da pedagoga.

A professora Lua, respondeu: “Os projetos que trabalhamos aqui na escola, as temáticas têm sempre a ver com alguma necessidade que a gente observa na nossa realidade”. Nessa primeira fala, nota-se que a realidade vivenciada na escola é um precursor para o surgimento dos temas a serem trabalhados nos projetos.

E trabalhar com assuntos que são retirados da realidade dos educandos promove conscientização, pois conforme Freire (2018, p. 20) “Assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade”, é preciso que os educandos conheçam o meio em que estão inseridos.

Complementando sua fala, a professora ainda diz:

Tem alguns projetos que trabalhamos dentro das disciplinas, como é o caso do projeto que desenvolvemos sobre a indisciplina, toda a problemática é feita durante as aulas de ensino religioso e durante o nosso dia a dia a gente vai estimulando as crianças a refletirem sobre as atitudes delas e como todo projeto há um período de tempo, no final a gente faz sempre uma socialização com toda a escola.

Nota-se que eles utilizam a interdisciplinaridade nos projetos e essa prática é muito relevante, porque vai contra os padrões tradicionais que priorizam a construção do conhecimento de maneira fragmentada.

A interdisciplinaridade permite que haja uma intersecção entre conteúdos de duas ou mais disciplinas, permitindo que o aluno elabore uma visão mais ampla a respeito da temática que está sendo trabalhada e como dito pela professora, durante o dia a dia, entre as disciplinas, estímulos vão sendo dados para que o aluno reflita sobre o assunto. E Ghedin (2007, p.139), afirma que só quando o processo de reflexão é instaurado é que “o ser humano dá conta de si, dos outros, do mundo e das coisas”, gerando uma consciência crítica.

A pedagoga Sol, ao ser questionada sobre o mesmo assunto, respondeu de forma bem parecida com a professora, podendo então confirmar o relato antes exposto por ela. A pedagoga diz:

A escola ela desenvolve projetos principalmente com base nas temáticas das necessidades da escola, por exemplo hoje nós temos necessidade de ter uma horta, então a gente vai desenvolver o projeto da horta escolar, que vai culminar justamente no período da semana do meio ambiente, aí vai ter toda uma preparação com os alunos e com os professores que são os coordenadores do projeto, cada projeto um professor é coordenador e ele atua junto com os seus alunos, sendo os dois peças fundamentais no projeto e depois de realizado é feito a multiplicação desses saberes com a escola toda e sempre tem uma culminância em cima disso.

Percebemos a partir dessa fala que a participação do aluno é de extrema relevância no desenvolvimento do projeto e que junto com o professor, ambos terão que trabalhar em conjunto para a realização de um bom projeto. E nesse processo, tanto o aluno ganha quanto o educador, pois conforme Freire (2018, p. 35) “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educandos”.

### **3.2 A formação do professor: refletindo os princípios da Educação Popular no diálogo com os sujeitos da pesquisa**

Ao imergir na história da Educação Popular, é possível notar diversos princípios que contribuem para a formação de um educador crítico e reflexivo, que busca compreender o contexto social, histórico e cultural dos seus educandos, para desenvolver uma prática significativa.

Entendendo que a Educação Popular e os seus princípios não se fazem presentes somente nos movimentos sociais, buscamos verificar nas falas da pedagoga e da professora se elas compreendiam o que era a Educação Popular e se havia algum princípio presente em suas práticas.

Durante a conversa, perguntamos o que elas compreendiam sobre a Educação Popular e a pedagoga Sol, respondeu: Penso que é uma educação voltada para a comunidade, para o povo e isso é muito importante, porque a educação se dá através do meio, do meio social.

Concordamos com a fala da pedagoga, porém é possível perceber uma visão restrita a respeito da Educação Popular, uma vez que a E.P. não se restringe somente a uma educação destinada ao povo, a comunidade, mas, segundo Paulo (2020, p. 31), possui uma concepção humanizadora, “comprometida com o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade, entendendo a educação com sentido amplo”.



A participação da comunidade no processo educacional é um dos princípios da Educação Popular e durante a conversa com a pedagoga ela afirmou:

Vejo que em relação a comunidade, ela espera muito da escola e não contribui tanto, principalmente nessa nova geração, mas em relação a macro, eu vejo que deveria ter mais investimentos, tanto em infraestrutura quanto em recursos didáticos, pra que essa educação que a gente vive nas escolas públicas ela fosse mais qualificada.

Nota-se que a pedagoga faz uma crítica a participação da comunidade, segundo ela, é esperado muito da escola, porém não há o envolvimento da comunidade, principalmente nessa nova geração que vivemos, além disso, ela também ressalta o pouco investimento nas escolas públicas.

Freire (2019), afirma que quando o homem se encontra acomodado, ele não dialoga com seus pares, não participa, pelo contrário, só aceita as determinações que são a ele sobrepostas, por isso que muitas vezes a comunidade não interage, pois está acomodada ou como alguns autores dizem, alienados.

Na conversa com a professora Lua, ao ser questionada sobre a Educação Popular, ela respondeu:

É muito interessante trabalhar a questão da Educação Popular com as crianças, porque ela parte do princípio que eles também têm conhecimento e que esse conhecimento ele pode ser agregado na construção da educação. E partindo disso, nós fugimos daquela questão de que os alunos são uma esponja que vão absorvendo todo o conhecimento que o professor tem.

Percebe-se tanto na fala da professora quanto em sua prática observada durante o estágio, que ela enxerga o educando como um ser ativo no processo de construção do conhecimento, pois durante as aulas, via-se sempre a participação dos alunos, eles perguntavam, davam suas opiniões e a professora aproveitava-se dessas falas para tornar o assunto estudado mais fácil de ser compreendido.

Essa relação de troca entre professor e aluno foi muito defendida por Freire e é um princípio fundamental na Educação Popular, pois ressalta a necessidade do diálogo como estratégia de ensino, dentro de uma pedagogia dialógico-dialética.

Sobre o diálogo, Freire (2018, p.115) explica que

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo.

O educador assume então uma postura de mediador, alguém que acompanha e participa do processo de construção e das novas aprendizagens dos alunos em seus processos de formação, buscando apagar a ideia de que o educador é o detentor do saber.

A professora Lua, durante a conversa, também disse: “com a Educação Popular a gente consegue perceber que há uma construção do professor e do aluno, que não só o professor ensina, como o aluno também e que a bagagem que eles trazem para dentro da sala de aula pode ser utilizada por nós professores para facilitar o ensino”.

Percebe-se que a professora conhece sobre a Educação Popular, sobre alguns de seus princípios e que consegue desenvolver isso em sua prática, pois durante as aulas ela sempre usava de exemplos próprios da realidade dos alunos, relacionando isso aos conteúdos e conseguia desenvolver uma aula dialógica.

Sobre a junção das experiências dos educandos com os conteúdos curriculares, Costa (2021, p. 23) afirma que o educador precisa “redefinir sua ação pedagógica enquanto intelectual, desenvolvendo a capacidade de articular os conteúdos escolares à realidade dos estudantes, construindo, assim, esquemas de referência para o entendimento da realidade que os cerca”.

É preciso como educadores, desenvolvermos uma prática capaz de tornar a sala de aula um espaço de transformação social ao relacionar os conteúdos a partir dos problemas enfrentados pelo aluno no seu cotidiano, para que ele possa compreender criticamente a realidade que o cerca.

Pensando nisso, perguntamos da pedagoga Sol, quais eram as orientações sobre a prática pedagógica na escola, ela respondeu:

Orientamos os nossos professores a realizarem sempre os seus planejamentos, o principal já vem todo amarrado dentro da nossa proposta pedagógica, então dentro da nossa grade curricular os nossos professores pegam os conteúdos de lá que já vem tudo dividido. O diferencial é que aqui eles fazem o planejamento semanal, que é um destrinchar do planejamento bimestral. É ali que eles nos dizem como vão trabalhar, qual recurso usar, se vai haver pesquisa, de onde virá essa pesquisa, tudo isso vai ser detalhado nesse planejamento.

Percebemos nessa fala, que o olhar da pedagoga está mais voltado para a parte burocrática do exercício de ser professor, inicialmente é ressaltado a orientação que é feita para a realização dos planejamentos, elemento que está totalmente ligado a prática do professor. Segundo ela, são feitos dois tipos de planejamentos, um mais geral, que é o bimestral e o semanal, que é onde os professores vão detalhar os conteúdos que serão trabalhados e os recursos que vão ser utilizados.

O planejar de suas ações é algo fundamental no exercício de ser educador, é um momento no qual é possível parar para pensar, refletir, repensar e reconstruir o caminho que está sendo trilhado com os educandos, é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática, pois conforme Freire (1996), o momento fundamental na formação permanente do professor é quando há reflexão crítica sobre a sua prática.

Por isso, repetimos a mesma pergunta antes feita a pedagoga sobre a prática pedagógica na escola, para a professora Lua e ela respondeu:

Nas reuniões somos orientadas a desenvolvermos uma prática participativa, levando em conta o que os alunos têm pra contribuir com esse processo de ensino e também a pedagoga, junto com a direção da escola, sempre nos dizem e orientam a trabalharmos com pesquisas, a sermos professores pesquisadores.

Podemos destacar nessa fala duas ações extremamente importantes, a primeira discutida anteriormente, mas que não tem como esgotar a discussão sobre, é a contribuição do educando no processo de ensino e a troca de saberes com o professor.

A professora afirma que a direção da escola orienta desenvolver uma prática participativa ou também podemos chamar de prática dialógica ou crítica e agindo dessa forma

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos [...] agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1987, p. 39).

Ou seja, atuando dessa maneira, o educador se posiciona contra a perspectiva de “educação bancária”, que enxerga o aluno como um mero depositário de um conteúdo acabado, que ao invés de instigá-lo a pensar criticamente, o aliena.

A segunda ação que destacamos na fala da professora Lua é a de tornar-se um professor pesquisador. Segundo Cruz e Costa (2021, p. 74), para assumir essa postura é preciso “repensar a identidade do professor, este precisa se ver como professor-pesquisador”, não basta apenas alguém dizer que tem que desenvolver uma prática fundamentada na pesquisa, o educador precisa encontrar-se no processo.

E durante o estágio, foi possível notar em alguns momentos que a professora se posicionava como professora-pesquisadora, pois instigava a criatividade dos alunos, buscava fazer atividades diferenciadas, gerava nas crianças questionamentos, preocupava-se com o seu processo de formação, porém, com a pressão do dia-a-dia, com a necessidade de dá conta de todo o conteúdo proposto, além das questões burocráticas, o posicionamento como professora-pesquisadora nem sempre aparecia com tanta evidência.

Mas, sabemos que quando optamos por ir contra o processo já imposto, desafios maiores surgem, porém é preciso se posicionar, pois “no âmbito Educacional, ao buscar a legitimação da identidade do professor e de pesquisador simultaneamente, quebrar-se-á o paradigma de que a ciência é uma prática especializada” (GONZAGA, 2007, p. 89), mostrando que pode e deve ser desenvolvida em sala.

Ainda durante a conversa com a professora Lua, ela também falou sobre os planejamentos, afirmou: “temos que fazer além do planejamento mensal, o planejamento semanal, que é quando detalhamos o que vai ser feito em cada dia da semana, quais materiais vamos usar na nossa prática, quais conteúdos”.

Percebemos a semelhança dessa fala com a fala da pedagoga, pois as duas ressaltaram o planejamento quando questionadas sobre a prática pedagógica, demonstrando que enxergam o ato de planejar como instrumento diretamente ligado ao ofício de educar.

Por fim, destacamos uma das últimas falas da professora durante a conversa, quando ela diz: “Então, a orientação principal, diante de muitas que recebemos aqui, eu acho que é buscar envolver o aluno no processo de ensino”.

A professora ressalta que na escola, eles recebem muitas orientações sobre como proceder, mas o interessante é que ela destaca uma, que é a de envolver o educando na construção do seu processo de ensino e aprendizagem, atitude importante que promoverá no aluno a autonomia, o senso crítico, a percepção de mundo, entre outras características importantes.

### **3.3 A formação do professor: a Educação Popular e suas implicações na prática pedagógica**

A formação de educadores e a prática pedagógica, embora possuam as suas especificidades, uma não existe sem a outra e uma dá embasamento a outra. Discutimos, com base na Educação Popular, uma formação permanente, contínua, que propiciará a prática de um educador consciente, que entende o seu processo natural e sabe que precisa educar-se constantemente.

Freire (1996, p. 29) afirma que “o professor que não leva a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de suas classes”, por isso, durante a conversa com a pedagoga e com a educadora,

buscamos levantar questionamentos a respeito de suas formações e de como isso implicava na prática delas, além de questioná-las sobre as metodologias ou recursos pedagógicos utilizados no processo de ensino.

Primeiramente, pedimos que a pedagoga falasse sobre a sua formação e depois sobre como essa formação refletia em sua prática. Ela então iniciou a sua fala, dizendo:

Eu estipulei uma meta pra mim, porque acho que acima de tudo, pra você ser um bom gestor, você tem que ter sido um pedagogo, pra você ser um pedagogo, tem que ter passado pela sala de aula, pra saber exatamente o que acontece em sala, pra ter domínio daquilo que você vai falar, daquilo que você vai orientar, pra que não só haja cobranças. Então na minha trajetória eu estipulei que precisava passar por todas as séries, então eu já dei aula de maternal até o ensino médio, só não dei aula ainda para o nível superior, mas eu ainda penso.

Percebe-se, pelo percurso de formação da pedagoga, que ela possui uma vasta bagagem na educação, conforme a sua fala, já passou por diversos segmentos, indo desde o maternal até o ensino médio e isso contribui para a sua prática atual, que é como pedagoga, pois por ter sido professora durante anos, consegue se posicionar de uma forma melhor, tendo domínio do que falar ao professor, ao invés de só cobrar.

No estágio, presenciamos algumas atuações dela e de fato ela buscava sempre conversar com os professores, ouvi-los, toda vez que cobrava algo ou quando surgia algum problema, já vinha com uma sugestão de solução, demonstrando que estava ali para contribuir com o trabalho e não somente para fazer o papel de cobrar.

Ainda em sua fala, quando ela afirma “só não dei aula para o nível superior, mas eu ainda penso”, é possível perceber que ela não “estagnou” nessa função que está atualmente ou mesmo depois de já ter vivido várias experiências, acredita que já foi o suficiente e esse pensamento sinaliza o que discutimos anteriormente, sobre a formação está ancorada no princípio da incompletude, pressupondo “a ideia de uma formação permanente, própria da condição de sermos humanos” (PIMENTA, 2014, p. 157).

Continuando a conversa, a pedagoga disse:

Nesses 20 anos, quando eu trilhei essa trajetória, eu pensei: agora eu vou fazer o concurso para pedagogo, mas a minha formação acadêmica me ajudou muito a passar no concurso, porque tudo o que eu aprendi na Universidade, com mais o que eu tinha de experiência de sala de aula, me ajudou a passar, porque juntou a teoria e prática e isso me ajudou muito e ajuda até hoje e depois de toda essa trajetória, eu fui prestar o concurso pra pedagogo, foi quando eu passei e me senti realmente habilitada, pois quando você vivência, você se torna mais sensível as situações, você consegue lidar melhor e tem um novo olhar.

A pedagoga relaciona os conhecimentos que ela obteve na Universidade com as experiências obtidas durante sua prática como educadora, e afirma que isso a ajudou a passar

no concurso e que faz essa junção até os dias atuais. Essa relação, teoria/prática, permite ao educador uma ressignificação de sua atuação, pois o estimulará a pensar a sua prática relacionando aos conhecimentos científicos, buscando desenvolver uma práxis diferenciada, crítica.

Freire (1996, p. 17), a respeito da prática, afirma que “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”, superando o que ele chama de “curiosidade ingênua” e buscando desenvolver a “curiosidade crítica”, marcado pela reflexão sobre a prática, pela própria práxis.

E ao refletirmos sobre essa prática crítica, dialógica, libertadora, perguntamos a pedagoga quais eram os recursos pedagógicos ou metodológicos, orientados no planejamento do processo de ensino e obtivemos a seguinte resposta:

Hoje, no momento em que a gente vive, os recursos que nós vemos com mais eficácia são os tecnológicos, pois a gente verifica que de fato prende a atenção deles e é possível contextualizar o conteúdo que você quer dar com algo midiático, porque hoje a gente vive a geração da internet, então para você ter uma aula exitosa, uma prática exitosa, você tem que inserir também as mídias na sua rotina de aula, e essa é uma das orientações principais porque torna a aprendizagem significativa e hoje a gente precisa mais do que nunca se apropriar de todos os recursos que estão ao nosso alcance, principalmente os tecnológicos, para poder fazer esse link com a realidade e sair mais da lousa, da cópia, tornar as aulas mais interessantes, porque a mentalidade deles hoje está diferente.

Percebe-se que o principal recurso ressaltado pela pedagoga foi o tecnológico, pois segundo ela, a geração que vivemos, está totalmente ligada a internet e utilizar-se desse recurso em sala, ajuda a prender a atenção dos alunos e conseqüentemente ter uma aula exitosa.

E de fato, é preciso aproveitar-se desses mecanismos que a tecnologia nos proporciona, porém, sem esquecer que

o papel da escola é essencial e que não é substituível por nenhuma mídia. Ela cumpre um papel de fazer com que as pessoas sejam capazes de pensar, de fazer com que elas desenvolvam suas capacidades de reflexão, de análise da realidade na qual vivemos (PIMENTA, 2007, p. 45).

Nota-se que a pedagoga preocupa-se em trazer a realidade dos alunos para sala e orienta que o tradicional, somente lousa e cópia, sejam superados para que as aulas se tornem mais significativas aos alunos, para que eles se encontrem no processo, pois, mesmo com toda tecnologia disponível “ainda é necessário que os professores compreenderem e colocarem em prática um currículo que possibilite ao aluno oportunidades para aprender a pensar, que não se restrinja somente ao programa de conteúdos” (MARTINS, 2013, p. 59).

Partimos então para a conversa com a educadora, fizemos a ela os mesmos questionamentos feitos anteriormente a pedagoga e obtivemos repostas bem parecidas, inicialmente a instigamos que falasse sobre a sua formação e sobre o reflexo dela em sua prática.

Ela então respondeu:

A minha formação foi muito importante nesse processo de ser professor e se tornar professor, no entanto, o que se aprende na faculdade não é suficiente pra suprir todas as necessidades que nós encontramos no meio do caminho, por isso que é importante os estágios, toda a fundamentação teórica que a gente tem na faculdade, no entanto, é super importante e necessário que o professor ele tenha uma formação continuada, pra que ele venha se aperfeiçoar enquanto profissional. Você esteve na sala comigo, percebeu que todo dia é um dia, que cada criança é única, tem as suas subjetividades e nós temos que estar preparados para lidar com todas as questões que vão surgir todos os dias em sala e não é só com quatro anos de faculdade que vamos ter todas as respostas ou soluções nas nossas mãos. A experiência, com o tempo, nos ajuda muito, mas é fundamental que a gente tenha saberes científicos.

A professora começa afirmando que no processo de se tornar professor a formação inicial é muito importante, porém não é suficiente para superar todas as dificuldades que surgem durante a trajetória. Ela ressalta a importância dos estágios na faculdade, também todo o aporte teórico que obteve, mas diz que é preciso que haja um aperfeiçoamento enquanto profissional, ou seja, uma formação continuada.

Freire (2018, p. 26) assegura que “no compromisso do profissional, seja ele quem for, está a exigência de seu constante aperfeiçoamento, de superação do especialismo, que não é o mesmo que especialidade”, ou seja, é preciso ter compromisso enquanto profissional e nesta ação está incluso a busca por aperfeiçoamento.

A educadora ainda ressalta o dia a dia em sala de aula, as questões que surgem diariamente e o desafio que é lidar com as subjetividades de cada criança. Na classe dela, durante o estágio, observamos que apesar de estarem todos na mesma série, os alunos se encontravam em estágios diferentes de aprendizagem e a todo tempo a professora tinha que buscar mecanismos, usar de estratégias para que o ensino atingisse a todos.

Apesar dos enormes desafios, a superação é possível, mas, segundo Ghedin (2007), o ser humano só vai dar conta de si, dos outros, do mundo e das coisas quando conseguir instaurar um processo de reflexão, ou seja, após a ação é preciso parar e refletir sobre a prática, visando superar os erros ou as dificuldades que surgiram no processo para que a nova prática seja diferente da que já se passou.

Nesse processo de ação e reflexão destaca-se também a relação teoria e prática e sobre isso, durante a conversa, a professora ressaltou

Por algumas vezes, enquanto estamos na faculdade, acabamos fantasiando muito a sala de aula e quando chegamos realmente em sala nos assustamos e pensamos: Como todos aqueles textos vão me ajudar agora? Mas é em momentos assim que vejo a importância do que tanto a gente escuta falar, que é a relação da teoria e da prática.

Uma não existe sem a outra, como educadores precisamos ter uma prática muito bem fundamentada, pois o nosso agir será reflexo do nosso aporte teórico. Pimenta (2014, p. 97) afirma que “Ação, reflexão e ação configuram a práxis, isto é, a prática teorizada, em que teoria e prática, pensar e fazer fundem-se em ações interferentes e transformadoras da realidade”, porém, o processo de transformação da realidade, só será concretizado se for construído em cima de uma relação participativa e democrática com os alunos.

Por isso, perguntamos da educadora quais eram os recursos pedagógicos/metodológicos utilizados por ela em sala e quais as orientações a respeito disso eram passadas durante o planejamento do processo de ensino. Ela respondeu:

Os recursos que eu utilizo em sala costuma ser o quadro, o caderno, o livro didático, que é um dos recursos principais e sempre que possível levo jogos, atividades impressas, materiais concretos, eu sempre busco formas diferentes de ensinar eles pra que eles consigam absorver aquilo que eu estou querendo ensinar e que eles consigam entender e aplicar, por isso eu acho importante o uso de jogos e atividades diversas no processo de ensino e aprendizagem.

De fato, basicamente esses são os recursos que ela utiliza no dia a dia e que pude presenciar durante o período de estágio, a busca por desenvolver uma aula mais participativa e significativa existe e a utilização de recursos dinâmicos fazem muita diferença. Era muito claro a diferença de comportamento das crianças quando ela utilizava jogos com eles ou propunha uma atividade que ia além do livro didático, a aula tornava-se muito interativa.

Foi possível notar a presença do diálogo na relação professor – aluno, uma vez que, segundo Freire (2018, p. 108) o diálogo constituísse na “relação eu-tu, necessariamente uma relação de dois sujeitos. Toda vez que se converte o ‘eu’ desta relação em mero objeto, ter-se-á pervertido e já não se estará educando, mas deformando”.

Portanto, a partir das observações realizadas no estágio e da conversa com a professora e também com a pedagoga, destacamos que ambas entendem a formação como um processo contínuo e presam por uma prática embasada em um método de ensino ativo, dialogal e participativo, valorizando a voz do educando e o seu local de fala.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa desenvolvida foi possível compreender os princípios da Educação Popular no processo de formação do educador e por meio dos referenciais teóricos, das observações e da entrevista semiestruturada, conseguimos identificar alguns princípios da Educação Popular que se fazem importantes para a formação e que puderam ser evidenciados na prática pedagógica.

Observamos que tanto a pedagoga quanto a professora que fizeram parte da pesquisa, entendem a formação como um processo contínuo, ou seja, se enxergam como seres inacabados que precisam buscar constantemente o aperfeiçoamento, fazendo-se necessário a constante ação e reflexão sobre a prática, pois essa reflexão é um elemento essencialmente formativo para qualquer educador.

Além disso, notamos que há uma preocupação em desenvolver um ensino em que o educando tenha voz, que seja crítico, participativo, criativo e para isso é preciso ir contra os paradigmas tradicionais que colocam o professor no centro do processo e torna o aluno um ser secundário, pois, assim como o educando aprende com o educador, o educador também pode aprender muito com o educando e essa troca só será possível com o desenvolvimento de uma prática dialógica.

Com o estudo foi possível perceber que mesmo a educadora ou a pedagoga não afirmando que desenvolvem uma prática com base na Educação Popular, nota-se que muitas ações desenvolvidas por elas e muitas falas também, possuem princípios que são como base para a Educação Popular.

Por exemplo, a busca por trazer a realidade do aluno para dentro de sala, valorizar o diálogo, presar pela participação da comunidade na escola, mesmo existindo percalços nessa relação, o desenvolvimento da identidade do educador como professor-pesquisador, o fomento a criticidade, entre outras ações que puderam ser observadas durante o período de estágio e no decorrer da entrevista.

Portanto, concluímos essa pesquisa destacando a relevância da Educação Popular para a formação de educadores que sejam capazes de atuar de forma autônoma, contextualizada e dialógica no ambiente em que se encontram, que se preocupem com a transformação da realidade e a construção de novos saberes por meio de uma conscientização e de uma educação libertadora.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Cleide. Educação Popular: Uma Revisão Bibliográfica. In: BATISTA, Maria de Socorro Xavier (Org.). **Cadernos de Educação Popular**. João Pessoa: UFPB/editora universitária, 2001, p. 59-79.
- COELHO, Raimunda de Fátima Neves. Caminhos e Perspectivas da Educação Popular e o Legado de Paulo Freire na Contemporaneidade. In: BATISTA, Maria de Socorro Xavier (Org.). **Cadernos de Educação Popular**. João Pessoa: UFPB/editora universitária, 2001, p. 43-58.
- COSTA, Lucinete Gadelha da. Educação do campo das águas e das florestas: uma reflexão sobre a formação de professores no contexto amazônico. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.4, p. 34331-34342, abr. 2021.
- COSTA, Lucinete Gadelha da. A formação do educador popular e sua construção coletiva no cotidiano da escola. In: GHEDIN, Evandro. **Perspectivas em Formação de Professores**. Manaus: Editora Valer, 2007.
- COSTA, Lucinete Gadelha da. A busca pelo conhecimento sobre a formação do professor na educação do campo. In: COSTA, Lucinete Gadelha da (org.). **Tecendo reflexões sobre a educação no contexto amazônico**. Manaus: Editora UEA, 2021.
- CRUZ, Wanderlane de Oliveira. COSTA, Lucinete Gadelha da. A pesquisa na escola normal superior: um estudo no período de 2004 a 2006. In: COSTA, Lucinete Gadelha da (org.). **Tecendo reflexões sobre a educação no contexto amazônico**. Manaus: Editora UEA, 2021.
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO CIDADÃ/SNAS/SG. **Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas**. Brasília, DF. 2014
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 39 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GERHARDT, Tatiana Engel *et al.* Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GHEDIN, Evandro. A reflexão sobre a prática cotidiana: Caminho para formação contínua e para o fortalecimento da escola enquanto espaço coletivo. In: GHEDIN, Evandro (org.). **Perspectivas em Formação de Professores**. Manaus: Editora Valer, 2007.
- GONZAGA, Amarildo Menezes. A formação do professor pesquisador a partir da pedagogia de projetos: uma integração possível. In: GHEDIN, Evandro. **Perspectivas em Formação de Professores**. Manaus: Editora Valer, 2007.
- KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Kézia Siméia Barbosa da Silva. **Concepções e práticas curriculares docentes: um olhar sobre os saberes locais do contexto amazônico**. Areté (Manaus), v. 6, n. 11, p. 53-64, jul-dez, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Pesquisa Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NETO, José Francisco de Melo. Educação Popular: uma ontologia. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; NETO, José Francisco de Melo (Org.). **Educação Popular: outros caminhos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999, p. 31-74.

PAULO, Fernanda dos Santos. Pedagogia latino-americana e as contribuições de Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão. In: SILVA, Andrerika Vieira Lima; PAULO, Fernanda dos Santos; TESSARO, Mônica (org.). **Educação Popular e pesquisas participativas**. 1º ed. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Educação Popular e docência**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido. Contexto e perspectiva para a formação de professores no cenário da atual política brasileira. In: GHEDIN, Evandro. **Perspectivas em Formação de Professores**. Manaus: Editora Valer, 2007.

PREISWERK, Matthias. **Educação Popular e Teologia da Libertação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

RODRIGUES, Luiz Dias. Como se conceitua Educação Popular. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; NETO, José Francisco de Melo (Org.). **Educação Popular: outros caminhos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999, p.11-30.

SALES, Ivandro da Costa. Educação Popular: uma perspectiva, um modo de atuar. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso NETO, José Francisco de Melo (Org.). **Educação Popular: outros caminhos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.

SANTOS, Luzivaldo Fernandes dos. Divergências e convergências entre pedagogos tradicionais, escolanovistas, freireanos e marxistas. In: BATISTA, Maria de Socorro Xavier (Org.). **Cadernos de Educação Popular**. João Pessoa: UFPB/editora universitária, 2001, p. 13-42.

SCHWERTZ, Janete. Educação Popular no Brasil: Mascas da sua história. In: SILVA, Andrerika Vieira Lima; PAULO, Fernanda dos Santos; TESSARO, Mônica (orgs.). **Educação Popular e pesquisas participativas**. 1. ed. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020, p. 67-84.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Exclusão social e Educação Popular no Brasil -500. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso NETO, José Francisco de Melo (Org.). **Educação Popular: outros caminhos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24.ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2009.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.